

B: 35.328.0

AMDT N. 2



## A NOITE

O doce abyssmo estrelado, nirvana somnambulico, taça negra de aromas <sup>quentes</sup> onde eu bebo o elixir do esquecimento e do sonho! Como eu amo todas as tuas magostas, todas as tuas estrelas, todos os teus ventos, todas as tuas tempestades, todas as tuas formas e forças! Como eu sinto os perfumes que vêm das grandes rosas mysticas dos teus Maiores; os effluvios vibrantes, candidos e finos dos teus Jumbos; o <sup>grasnar</sup> dos teus abutres e o claro bater das azas dos teus anjos! Como eu aspiro sedento todos esses cheiros salgados do mar dominador, essa vida aromal das folhagens, das selvas reverdecidas com os teus orvalhos revigoradores, com a tua esquivia casidude mysteriosa!

Ah! como eu te amo, Noite! Como a tua eloquencia muda me fala, me impressiona e me chama, Apparição seraphica, fabulosa irmã do Chaos e das Legendas!

O peito cheio de vibrações ardensas, a alma em canticos de amor, os olhos illuminados por esplendores secretos, como é maravilhoso vagar no seu uma tabernaculo dos teus silencios, no *in-dux* do teu Sonho!

Como faz bem e tonifica mergulhar profundamente a cabeça nos teus mysterios, que deslambaram, adormecer com elles, deixar que a alma se embate a elles, vaguear pelo Infinito, tento todos esses mysterios immaculados como o vasto manto consolador da Piedade e do Descanso!

A tua docilidade e frescura, o teu carinho, os teus affagos, a tua musica selvagem, as tuas sokimmitades augustas, o teu antediluviano encanto biblico, as monstruosas risadas mephistophelicas dos teus phantasmas tenebrosos sao como seras singulares, verdadeiras, irmaos da minha alma.

Mordido de nervosidade aguda, peraludo no teu solitario regaco maternal, ó estranha Noite! eu sinto que o cavallo de azas da minha consciencia galopa, voo longe, livre, sumindo-se na infinita poeira de ouro dos astros; que os movimentos dos meus braços ficam tambem livres, para abraçar as Chimeras; que os meus olhos, alegremente felizes, se libertam do caracter animal humano, para só fitarem sombras; que a minha bocca aspira o Vacuo estrelado, para saciar-se d'elle, para beber tobo o seu luminoso vinho nocturno; que os meus pés erram melhor, oscillantes e vagos embora, na embriaguez e na cegueira da treva, para melhor se desiludirem de que se arrastam na terra; que as minhas mãos se estendem e se movem largamente, como azas de espontaneo voo bizarro, para dizerem triumphante adeus por algumas horas ás terriveis contingencias da Vida!

Peraludo nas solidões da tua treva, vibram-me as tuas harpas, seduzem-me os teus extasos, arrebatam-me os teus mysticismos.

Com os olhos radiantemente abertos, como se fossem duas curiosas flores de raios celestes, eu noctambulo em silencio, na concentraçao de um missionario contemplativo, vagando n'um immenso tempo deserto e cheio de sagradas sombras. ;.

Em cima, sobre a cabeça, sinto cantar-me, doce e terna, a fina luz das meigas estrelas, e essa luz arde, chammeja melancolicamente como uma alma que aspira. . .



que expões todo o arco-íris inflamado dos teus bazares, a vertigem de zumbir de abelhas dos teus fagurhantes cafés cantantes, o olho ignívoco e solitário dos pharós no mar alto, e toda essa ondulação de aspectos e sonhos fugitivos, essa nebulosa do rumor e da emoção, que é o teu véo de noiva, que é o teu manto real!

Tu apagas a mancha sangrenta da minha vida, fazes adormecer as minhas ancias, és a bocca que sopra a chama do meu desespero, és a escada de astros que me conduz á minha torre de sonho, és a lampada que desce aos cárcavões da minha alma e faz desencantar, caminhar e fallar os meus Segredos...

Tens uma expressão millenaria de Epopeias, um curioso e extravagante sentimento druidico e como que toda essa melancolia arebata da Decadencia latina.

No fumo velho e pittoresco do teu Oriente, ó Noite, meu caprichoso e exótico Crysantemum; nos longes dos teus grandes e famosos Fioscos ondulam em curvas lascivas e donatosas as românticas e visionarias virgens, os pallidos poetas meditativos, os ascetas lívidos que velam á claridade magouta dos cyrils, os fascinantes e capelosos Fra-Diavolos, os gallardos, zumbentes e coruscantes carnavaus de Veneza da tua prodigiosa Phantasia e as kennessas louras e cor de rosa dos cherubims da Infancia, que dormem sonhando, lyrios de commovida ternura, meigamente seduzidos e embriagados no delicado e casto regaço do mysterio dos sexos.

Ó bendicida Noite! dá-me a morte na irradiação dos teus raios, para que eu rompa o selo cabalístico dos teus segredos; dá-me a morte na crystalisação dos teus astros, nas aureolas das tuas nuvens, no pesado luxo das tuas constellações, no vaporoso das tuas visões de lagos, na solemnidade biblica das tuas montanhas enneoadas, nas cerradas cegueiras apocalyplicas das tuas maravilhosas florestas virgens, quando lentas tuas languas florescem nos céos como grandes beijos congelados de brancas noivas gigantes encatadas e mortas...

Cruz e Souza.

## BOHEMIO

Em cada pulso traço uma pesada algema  
E factos collossaus humilham-me os hombros  
São escriptas a sangue as paginas do Poema  
Em que celebrou e curto Appaçoos e Assombros.

Ruinias em derreitor, por toda parte escombrós...  
Vae comango uma voz que conta min blasphema,  
Atlas que não sustenta os Mundos sobre os hombros,  
Tombo, glorificando a minha Dór nam Poema.

Em cada verso meu lá um gemido occulto,  
Calmo e triste recebo o venenoso insulto  
Com que pretende o Mundo enlamear-me o Nonte.

Ó Oello mudante em Amór, faço vibrar a lama,  
Goço as Escállis quando a voz do instinato chama  
lá o compassivo Céu mata-me a seda e a fome!

## NICHO DE VIRGEM

Loufa, n'uma frescura de prados atravessados de luar, de madressilvas; horiaes, ou morena, tostada a pelle virginal de fino fruto aromado, assim é que eu te vejo dentro do nicho da tua alcova, quando, no alho do teu claro palacio, uma janella me apparece illuminada na noite.

Mem por vezes o firmamento sumptuoso d'estrellas espalha no silencio da natureza uma irradiação eucharistica de sacratio e do meu ser viva chamada sidereal de emoção.

E, bem por outras vezes, uma estrella só surge, com um brilho acceso, coruscante, pelo firmamento tranquillo, quando eu, amorosa e instinctivamente, olho a janella do salicuario em que tu ás vezes na noite apparecess, como se olhasse a estrella em cima.

E fico a meditar, languidamente, nos lindos, nas bretannas e cambrianas fitas dessa alcova, nas pallas alvas do teu leito, onde a tua vida de astro resplende a nudez da carne.

Fico a meditar nessa serena belleza que brilha e canta na capella mystica do Amor, n'um nicho de prata e esmeralda, com o esplendor das Virgens, por entre rubrutos e timbras diamantinos e verdes.

Idealisa logo majestosos saloes illuminados, ondulosa, vaporosa; nuvens de valsas, amantes entrelagados, n'um noivado de aves, por entre exhalações de aromas voluptuosos, mebrando-te, fascinando-te em sonhos o cerebro delicado.

Um veio tenuissima, como que tecido de névoas, pende-te candidamente da cabega enflorada e radiante; teus sumptuosidades e linbas harmoniosas de harpa e elantes augustos, etheraos, idealidades soberbas e sonhadoras de archanjo, cujas niveas e transluzentes azas vão desprender voos inerraveis, celestes; os teus olhos fulguram com tão incomparavel fulgor e toda a tua formosura dispera uma luz tão original, tão immaculada, tão nobre, que parece que as graças, os infinitos encantos, as eternas mocidades, só de dentro de ti, da tua carne, auroram.

E, na penumbra fidalga do nicho onde repousas, entre lustres e candelabros, esse vulto waldemoro, essa sombra doce de bailladin, formada das espiraes d'incenso do teu proprio sonho, se esvahirá, se apagará, por fim, como o ultimo scintillar da luz no crystal dos lustres e dos candelabros.

E ali ficaras; só e dolente, fechada na treva da tua alcova, no carcere de chumbo do sonho, com as curiosas seducções e os electrismos atrahentes de veludosa serpente de volupia, á espera que o sol, esmaltando a alta e branca janella do teu palacio, venha pela manha abrir-te os olhos no nicho das cambrianas e das bretannas; á espera que o sol, fabuloso dragão de azas constelladas, disprenta os seus voos magrestosos e rufie sonora e fulgentemente as azas sobre o teu corpo, surprehendendo-te a luxuosa florescencia carnal e deixando esquecer das azas, sobre cila, como finos vinhos de ouro, cábulos e palpitantes, das estrellas vindimas, o pollen claro e virgem das supremas fecundações—o formosa e frivola Divindade que com os tentaculos magneticos e fascinantes da Carne estrangula o mundo...

Eraz e Souza.

## A INSCRIÇÃO (1)

(CONTO POLITICO)

Resposta ao "Chacal;" de Lopes Trovão.

While hollow laughter and vacuity is the  
lot of the Upper and Want and stagnation  
of the Lower, and universal misery is very  
certain, what other thing is certain?...  
That a Lie cannot be believed.

THEOPHILUS CARLE.

Ha mais d'um seculo, menos de onze decennios. N'essa  
epoca de santa prosperidade, os corações quando não se igno-  
ravam, falavam a meia voz.

A lei era a clava da barbaria... Creações boas atrainham  
pedras aos cismas. Herules grotescos massacravam chimeras.

o ideal estava proscripto; reinava a suspeita dos esplen-  
dores.

Homens e mulheres, folhas e flores, plantas e rochedos,  
tudo participava d'uma atmosphera de pantano.

Na inconsciencia das vibrações subdís desprezava-se com  
orgulho tudo quanto fugia a realidade abrupta do tacto: os  
lyrios brancos, porque traziam a cor da innocencia; a lua e as  
estrellas, porque conspiravam contra a obscuridade. Apenas  
tolerava-se o sol, porque lembrava, pela cor dos seus raios, as  
minas de ouro de Valia Rica.

No entanto, a messe era para todos abundante; no erario  
regio luziam os diamantas cobigados, raiavam as gemmas  
preciosas.

Mas esse pavor do invisivel, sob a poesia eterna dos astros,  
ascendia ao firmamento como uma blasphemia e como um sa-  
cilegio. O sol, indignado e temendo o contagio da mentira,  
approximou da terra o carro flamejante. Subito, das entra-  
nhas frias do planeta dos oraculos, levantou-se um calor es-  
tranhio.

Na vasta metropole a multidão compunha-se em deses-  
pero; todas as vozes tinham cessado, porque todas as gargantas  
estavam secas. Apenas em cadaveria macabra, como em pro-  
longada agonia de moribundas, ouvia-se o fluxo e refluxo das  
respirações suffocadas.

Então, um soldado fiel, um ingenuo pyrobolar ao serviço  
do rei, pediu que o deixassem respirar o ar puro dos campos,  
à beira do patrio rio, onde o homem, abandonado a si mesmo,  
aprende a amar o heroismo das legendas.

Alli, apoiado em um bloco de granito coberto de musgo,  
entre arbustos copados, contemplou por muito tempo, através  
das feudas que o vento abria na folhagem, as nuvens erradias,  
ora sob a forma de grandes elephantes, ora transformadas em  
monstros fabulosos, ora como aguias perseguidas, rasgando  
os ares n'um impeto de azas enfumadas de colera.

De repente, na superficie das aguias manifestou-se im-  
mensa encyclopaedia, como se um corpo solido as tivesse separado  
na sua queda, e no meio do circulo, uma deslumbrante imagem  
de mulher fixou os olhos no ingenuo contemplador de nuvens

(1) Este conto, escripto para o dia 21 de Abril de 1898, não foi  
publicado n'essa data, porque os diarios d'esta capital, ainda impres-  
sionados com o estado de sitio, a isso se negaram terminantemente.

brancas, e desapareceu pouco depois, deixando apenas uma aureola de luz suspensa no ar, como signal da sua apparição. Aves aquáticas atravessaram n'um vôo rapido a corrente, ao mesmo tempo que o soldado, erguendo-se tambem n'um movimento brusco, quasi indifferente á ausencia d'aquella extraordinaria visão que o havia transformado em apostolo da religião do futuro, porque a levava dentro de si, encaminhou-se para o templo dos privilegios, não mais para velar em torno da purpura, mas para proclamar em voz baixa a fertilidade da sombra...

A partir d'esse momento, em tudo que elle tocava deixava impressa a figura d'uma estrella.

Tinha impeto de escapar á terra, de arremessar-se ao grande abysmo azul, para estudar de perto o destino dos homems no olhar immovel das constellações.

Diz-se-hia que um movimento occulto, um impulso de azas invisiveis o impellia para um reino ignoto, além dos Andes e dos Hymalayas. Aquellas, para quem a terra era apenas um árido deserto, approximavam-se d'elle como d'um oasis, e no contacto d'essa torça mysteriosa, fez-se mais sonora a lyra do poeta, menos terrível a indecisão das batalhas, mais sensível o coração da mulher.

Já no espago brilhava um clareo fugitivo, como o tímido crepusculo da era desejada, e um leve sopro de brisa agitava o ar aplacento a indignação causada do sol.

Sob o influxo da corrente luminosa que se propagava, os Lampadophoros resolveram tambem abjurar a covardia do passado.

Não tinha, porém, apparecido o signal convencionado para a solemne destruição do Panteão, quando um punhado de ouro, atirado á sacola da Tarçã, amba o braço ao ear-fasso) e adiou a florescencia dos astros,

Houve um longo interregno da luz. Espalhou-se por toda parte o delirio trágico do crime.

Os Anjos do direito divino tiveram impetos de envenenar o oceano, e ordenaram que a festa de Eleutharia fosse celebrada em torno do pelourinho.

Uma immensa esponja, feita de todos os pergaminhos, lavou rapidamente os vestigios do drama; apenas, e tal era a impaciença com que se poz em evidencia o sangue dos martyres, deixou-se intacto o nome do sementeiro de chimeras, que, como um sonho crucificado, gerou no alto do pavoroso madeiro, a scentella precursora dos incendios futuros.

Durante cem annos, esse nome, repetido como uma prece entre os pequenos, era lembrado como uma blasphemia pelos semôus coroados, até que um dia os herdeiros do martyrio, ao som do hymno suplico, o inscreveram como um symbolo no centro d'uma bandeirola estrelada.

Quando souu a hora fatal, os messias do novo reino, montando fogosos corseis, puzeram-se em marcha, seguidos de milhares de lanças, silenciosamente, sem aclamações nem apupos, porque a cidade ainda dormia sob o pallio do velho credo que ia ser substituido.

Apenas veio a aurora, os primeiros passantes do trabalho, animados de enthusiasmo, saudaram o cortejo em marcha e seguiram tambem em direcção ao velho Castello, em cujas paredes sombrias se accumulavam tas secas de esterilidade. Em caminho, os que tinham liberdade de movimento,

rasgaram o véo que escondia a curiosidade da plebe o brilho phantastico dos diademas, deslocaram as tripéas de bronze onde fumava o incenso diante da impassibilidade dos symbolos e arremessaram ao chão os pedaços de granito onde, depois do ultimo massacre, os adpepassados haviam esculpido a fatalidade da obediencia e a maldição da revolta.

Antes que a cidade despertasse de todo para a grande lucta victoria, proccissão estacionou á porta do palacio, cuja torre era tão alta que parecia um insulto á gloria do nascente.

Os systemas de columnas alcançavam-se mais e mais, fendendo as nuvens, e cada novo pavimento inaugurava uma estada de insolencia, até ao corpancheto do belvedere, ultimo grito de orgullo, desafiando murmúrios.

Ao rumor dos applausos, começou o ataque á esphinge, com a solemnidade d'uma ascensão á montanha sagrada. Mas, á medida que os golpes se repetiam, a resistencia das pedras augmentava a impaciencia dos assaltantes. Um d'elles lembrou então, para o bom exito da empresa, e antes que o esquecimento viesse coroar as ambigões satisfecitas, a necessidade de perpetuar-se a memoria d'aquelle cujo nome tinha servido de symbolo á bandeira redemptora. Hôrtaes depois pendia do muro d'um edificio funebre um pedaço de mármore preto com uma simples inscripção em letras de ouro, talvez para mostrar aos homens que a propria gloria não dispensa o brilho do cobiçado metal.

Logo que cessou o enthusiasmo por essa homenagem posthuma, premio ao martyrio d'um Christo e preço (multa sangrento) Catvarto, recomegou mais feliz a demolição da torre negra que continuava a tapar o oriente ao povo.

Ao primeiro assalto effectuado, a porta cedeu com enorme ruído, abriundo livre passagem aos eleitos. Já a hypertrophia dos desejos augmentava o brilho dos olhos macticos, que scintillavam no meio do lusco-fusco como uma revolta de focos fatuos. Na multidão, a intensidade da contiança matava o respeito devido aos illuminados, que, entretanto, ensinavam ao povo em voz alta o apollo de Samuel aos Hebreus, fartos de liberdade.

Em cima, como si os que lá tinham chegado se houvessem habituado á atmosphera reinante, cessaram todas os esforços contra as terriveis muralhas, ao passo que em baixo todos gemebros fazeavam de furor, como anjos rebeldes acampados na escuridão. De espugo a espugo appareciam no alto rubros clareos que desapareciam em seguida, rapidos como estre-las cadentes. Sobre o belvedere, os hyorophontas já procuravam descurrir-se para não dividirem o merito da amanha, e alguns velhos abadidos, mostrando as laes descarnadas insensíveis ao enthusiasmo das reivindicacões, moviam as pesadas carcassas em longas tiradas hypocritas. Cedo comprehendeu-se que essas torchas illusoras, essas signaes semaphoricos, deslumbrando como relampagos, eram apenas a claridade passageira d'uma aurora ficticia. ■■■■■

Antes que a maná da colera inundasse o pharol da esperanza, foi chamado á tomar posse da torre o segundo em poder entre os eleitos. Quando este re-veu a a-rtoria des-tituída, em nome da soberania proclamada, os antigos detentores, no paroxismo do desespero, atiraram-se á ella, mor-



dendo-lhe a sombra, como hyenas escurraçadas, no momento de atingir os Templos.

Chocaram-se todos os arcos, atacaram todas as paredes e entalharam-se que conspiravam e inimigos, que feriam, deu-se o ataque definitivo ao orgão da muralha, que cedeu afinal, deixando cair as primeiras pedras. Uma larga fenda aberta no alto da fortificação mostrou por algum tempo o que havia de bello na luz ignorada.

Os que ainda se sustentavam vigor nos músculos, abriram os braços na direcção do oriente, e quando esperavam o sinal da partida para o Sonhado Palácio, o grande amigo do sol, crivado de flechas envenenadas, cahiu morto de febre e de cansaço. Envenenadas.

Um immenso sommo abalou simultaneamente o clamor da victoria.

Todos os corações, fendidos pela mesma dor, abandonaram o berço da liberdade e foram cobrir um sepulchro de feres.

Inquirindo a alma da Nova Patria ajoelhava-se aos pés d'uma cruz, orgulho do céo porque era o germão d'um monumento, os Hemiatocéphalos, já de posse da tocha, aproveitando o silencio consagrado ao prece, mandaram collocar de novo as pedras arrancadas e tapar a fenda por onde descaí a luz. Um decreto posterior prohibiu que o povo alludisse aos massacres do passado, e elle heje nada mais conhece além da Torção.

De todos esses eclipses dolorosos, de todos esses clarões fictícios, onde brincava a esperanza dentro d'um sonho, apenas ficou aquella inscripção, agarrada á parede sinistra, meio honrada, meio pavorosa, em letras douradas como os raios do sol, sobre fundo negro como o mysterio.

Silva Marques.

## FAGULHAS

Vimos no alto da montanha a mole gigantesca. Parecia tomar todo o horizonte. Mas, em vez de pavor, eu senti uma inveja saudavel: aquella creatura devia poder fallar aos astros com a sua força tangível de monstro. A cabeça d'aquelle ente abriga de certo um cerebro, por onde passam pensamentos quasi divinos.

O mestre sorriu e avançamos. É a medida que gravamos a montanha, o gigante da minguante... Começo então a assombrar-me ainda mais. É qua não foi o meu espanto, a minha desillusão, quando, no alto da montanha, procuro o colosso e mal percebo a alguns passos, insignificante e minusculto, um anão que tremia...

O comboio devorava as distancias. O ar da manhã, fino e tortante, nos fazia tiritar. À minha frente, umas raparigas, trelegas e alegres, vão saudando as paisagens com longas exclamações e grandes alaridos. Mais affastados,

uns homens graves discutem politica e finanças. Ao lado opposto, para attaz, dois moços tinham planos de vida.

De subito, um menino, que eu não tinha visto até aquelle instante, salta do seu assento, como um albicimulo, e grita aos ouvidos de um cavalheiro que resonava deliciosamente a meu lado: — “Senhor! senhor! senhor!” O homem extranheou, abriulo uns grandes olhos de susto. — “Accorda, senhor! olha um cabelo branco que vem surgindo de tua longa barba!”

Enquanto as raparigas, á minha frente, riam desesperadas, eu encarava gravemente aquelle menino, repetindo aquellas palavras estranhas.

A beira do riacho, o monge, silencioso e immovel, tem os olhos para a corrente limpida. Em torno — o deserto. Por cima — o esplendor da manhã. “Oh! como é bello este espectáculo! como é bella a floresta e o céu!” exclamei, a ver si despertava o monge d’aquella contemplação. — “Espera, filho, espera... Deixa-me um instante n’esta paz — elle fallou: deixa-me pensar n’outra belleza...”

Como aguião, que só vive pelas alturas, o sabio nos recebeu indifferente e quasi desdenhoso; implacavel com a nossa tristeza. Mostrou-nos uma bibliotheca immensa, e nós estávamos deslumbrados. Aquelle homem tinha razão para tanto orgulho, não havia duvida!

Mas no meio d’aquellas avalanches de livros e sem respeito por aquella gloria, eu perguntei ingenuamente ao sabio por que não pensava elle no mosquito que vagueia pelo espaço da sala... e o sabio, pallido e tremulo, emmudeceu, fitando-me longamente...

Vimos então a misera ovelha, offegante e livida, entre a piedade do seu dono e as violencias do seu roubador. O pobre animal olhava indeciso e vencido para um e para outro, sem saber quaes os carinhos que deve preferir. No meio de tantos affagos e protestos, desconfia que ambos lhe vão cobiscando a opulencia das carnes e a fartura da lã... — “Ah! — pensava — como é difficil e como é penoso a uma ovelha decidir-se entre o dono e o ladrão!... ambos inimigos da minha vida... ambos a disputar-me para a fome que os agita n’aquelle immenso amor que me tem...”

N’aquelle momento, senti uma grande revolta, ao ver o frate, incompassivo e tremulo, arrebatar bruscamente das mãos da criança a boneca adoravel. A pobresinha andava tão contente da vida, tão feliz d’aquelle nada e tão cheia da calma infinita que as philosophias nem sempre podem dar aos grandes espiritos. E o frate sem coração, abusando da sua força, rouba tudo aquillo áquella creatura... Desconsolada, afflictissima, a coitadinha sahia d’ali chorando, caminho da casa paterna, asylo das suas angustias. E, cruel e insensivel, o frate ainda lhe disse: — “Graças! Já não tens com que te distraihes no teu caminho... Vais chorando, oh cherubim, mas vais para o teu lar e livre do risco de te perderes nas ruas...” Sinto uma grande revolta, sim... Mas o mestre, ali ao lado, sorri candidamente e me faz um gesto de quem diz que nada vejo...

Vagavamos em torno da terra quando, a pairar sobre um alto monte, lá no coração do mundo antigo, vemos esta scena: Prometheu, accordando um instante d'aquella dôr secular, viu o abutre descansando a um lado. Accendendo os olhos para o horisonte sem fim, suspirou amplamente vendo as estações da terra... Mas, num momento, sentiu aquelle teatô de morte que lhe vinha do mundo.—“Ah! tenho saudade de ti... eu já te amo, oh abutre, porque só tu, dilacerando-me as entranhas, é que me abalas da grande vida!” E Prometheu desperta o abutre... e este, retemperado, continua no seu afan... enquanto o semi-deus gemia sorrindo para o céo...

— Noutes da Finlândia! noutes da Finlândia! pavorosas noutes! Analis perto do velho Chão original, e fostes creatas de certo para matar a distancia que vai do nada á vida. Noutes da Finlândia! eu sinto catebros ao tocar-vos. Crenção infinita—quer dizer—assemem de fórmãs; frio mordente; silencio de ermos, onde a eterna malaz nos abata; deserto sem fim...—figura desoladora da morte... Ao longe; na lugubre extensão dos páramos vastos, um sequito de sombras, muito solemnes, acabrunhadas e mudas, caminho da esterilidade polar, onde a ausência da vida consola um pouco os que já foram vivos. Vão passando, vão seguindo aquellas sombras, dolorosas como os bairitos, lentas e austeras como um sequito funebre. É uma d'ellas, espraiando os olhos pelo mundo que ficava, suspirou longamente, deixando escapar-lhe do peito esta queixa que as aragens levavam para o Sul:—“Ah! como nos custa abandonar para sempre os altares onde fomos adorados, desertar os corações que nos amaram!”

O pobre homem chegou afflictissimo, querendo esconder com os olhos a bolsa de viagem. A autoridade o interroga e elle conserva-se mudo, estupefacto, profundamente abatido. O agente do fisco ordena afinal que seja aberta a bolsa, e o infeliz, primeiro impassivel, pasmado como um doido; fita aquelle objecto que vai ser violado... e depois desvaira... e chama:—“Ah! não me assassine, senhor... Diga-me quanto devo á sua patria, mas não me assassine... não me quebre estouvadamente a minha vida...” Apesar de toda aquella loucura, a bolsa foi aberta a custo, e viram todos, no meio de pastas de algodão, um busto de criança e nada mais. O bustozinho, porém, já estava partido... O desgraçado prorompe em pranto convulsivo.—“Porque me tirastes o meu companheiro unico n'este mundo? Ha vinte annos que viajo, ou antes que vivo atropellado, conduzindo por toda parte o bustozinho de minha filha, bustozinho que eu sempre contemplo á noite, com quem me entendo nas minhas angustias e que é a unica imagem ante a qual faço as minhas orações. Agora me tiras a minha vida! Oh senhores! vede o que fazeis então d'este misero estrangeiro, porque... sim—porque eu estou louco e dou graças a Deus.

**Rocha Pombo.**



## CASTIDADE ASSASSINA

Alquebrado de fadiga pela profissão que abraçara, o velho engenheiro no seu retiro de octogenário, gostava de lembrar o passado. Batido por todos os climas, fallava em excursões, narrava os amores ardentes das mulheres tropicaes, e os calmos desvios de scandinavas aristocraticas.

Uma noite, porém, o encontramos atristado. Revolvendo papéis, encontrou uma carta que lhe trouxe á lembrança, um amigo desventurado de quem, até então, não nos havia fallado, e de quem, agora, impellido pelo seu genio expansivo, nos contou a historia commovedora.

Ela um enfeitado.

Abandonado nos degraus do Altar-Mór do templo de uma abbazia, de lá foi levantado pelo abbaate prior. Envolviam-no sedas custosas e cambraias finas.

Trazia ao peito, preso a um broche de perola e saphira, um pequeno quadrado de papel, com os seguintes dizeres :

"Nasceu esta madrugada ; está pagão."

E o abbaate, ao levantar nos braços aquelle volume de sedas, cambraias e carnas rosadas, sentiu no seu velho coração de asceta um tremor suave e desconhecido.

Embalde os irmãos tentaram convencer-o de que deveria entregar a criança a uma mulher que o amamentasse. A convicção, porém, de que aquelle ente era seu, a vista d'aquellas carnas tenras, d'aquelle ser reputado, sem protecção, a olhar-meigamente, os vagiões como que reclamando carinhos e cuidados, tudo enfim, lhe despertava n'alma um turbilhão de affectos, um desejo de beijos, uma imperiosa vontade de abnegações.

E, por isso, o engeitado desconhecia o sabor doce do leite de mulher.

Por isso, nunca lhe affagou as faces, a tepidez das rendas de uma camisa; jamais seus labios foram acariciados pela maciez de uns seios.

De natureza forte, porém, resistira victoriosamente aos inconvenientes da amamentação artificial.

Dia por dia mostrava o seu desenvolvimento, e dia a dia mais intenso se tornava o affecto que lhe dedicava o bom velho prior.

Conhecia logo que entrava para a abbadia. Apontado pelos collegas que me indicaram em tomo a sua triste historia, eu vi por quanto desprezo era elle victimado.

Para não destoar dos demais collegas, esquivai-me tambem do "engeitado."

Elle, porém, não parecia perceber o desprezo que lhe votavam; passava ultimo por entre nós, dispensando apenas saudações de simples civildade. Nunca, por um gesto, ou por um olhar, mostrou desejos de compartilhar dos nossos folguedos. Pallido, de uma pallidez sympathica, trazendo na physionomia uma austeridade precoce; impregnado talvez do burral que o embalsamava, elle passava deixando, por si, uns fisos torpes, que nem sequer se dignava perceber. O prior por seu lado, não parecia notar o desprezo de que era victima o seu filho adoptivo, ou antes, talvez o percebesse e com isso se regozijasse. O seu amor por essa criança, certo o primeiro que lhe fez palpar o coração, era de um egoismo atroz.

Quería-o em absoluto.

N'aquelle ente, pequenino e fragil, como que se accumulavam e concentravam todos os estos do seu coração virgem ainda, de qualquer affecto terreno.

A idea de separar-se um dia d'esse ente lhe deveria ser horrorosa, e, por isso mesmo talvez, já elle lhe destinara o sacerdotio. E para isso, para que nada o desviasse do destino que o esperava, era preciso fazel-o desconhecer inteiramente o mundo; era preciso que nunca transpuzesse o portão do claustro, que jamais aos seus ouvidos chegassam os susurros perturbadores da vida externa, degradante e profana.

Um incidente imprevisto, entretanto, veio perturbar a tranquillidade do velho prior.

Estava escripto que o engeitado—teria um amigo e esse amigo deveria ser eu.

Foi pelas festas do Natal; a maior parte dos collegiaes estavam em ferias. Orphan de mãe, e com meu paé ausente, em excursões longinquas, não me foi dado subir, assim como alguns outros. Desses, houve um, com quem não me lembro porque, uma futilidade por certo, tive uma questão que, presto, em lucta se transformou. Sentiu elle mais idoso facilmente conseguiu derrubar-me e já sentia o peito sob os seus joelhos, quando, alguém, agarrado pelos hombros o atirou para longe. Levantai-me e encontrei-me face a face com o engeitado!—Desde esse dia nos tornamos amigos, nos tornamos inseparaveis. Comecei tambem a admittal-o pelo saber, pois na minha ignorancia de então, esse menino, inferior a mim na idade, se me afigurava um sabio.

Foi então que o prior afficto, viu por um instante que se desmoronavam os seus doces planos.

De quanto odio abafado deveria eu ter sido victima !

O amor, porém a vencer, o egoismo, e, vendo que, em nada, eu poderia perturbar essas mesmas planas, acabou por estimar-me também, já por mim, já pelo affecto que eu dedicava ao seu pupillo. Chegava mesmo a alegrar-se, quando o mesmo me transmitia, com uma nitidez espantosa, as lições d'elle recebidas.

Uma preocupação, porém, pesava ao pobre homem ; era que nas nossas conversas infantis, eu o deixasse entaxar a existencia de festas, de bailes, de mulheres. Pedi-me que nunca lhe fallasse em taes cousas.

Annui.

Assim pois, para o engenheiro, o mundo continuou de ser o affecto que dedicava ao prior, e a mim, o desprezo que lhe votavam os collegas, e o jardim pequeno onde cultivava as suas tulipas.

Crescemos, e, já homens, dia houve em que nos separámos. Eu entrei para a Escola Polytechnica e elle, todo entregue á theologia, se preparava para o sacerdoceo.

Formei-me, elle ordenou-se. Assisti a sua primeira missa, abraçei-o, e parti para a America n'uma commissão de que fazia parte.

Assim vivemos separados por longa distancia—o Atlantico entre nós.

A assiduidade, porém, de nossa correspondencia, demonstrava assás que o espaço e a ausencia nada podiam sobre o nosso affecto.

Inesperadamente, entretanto, minhas cartas ficaram sem resposta.

Primeira, segunda, quarta, e nada ! Ainda outra, e o mesmo silencio !

Mezes e mezes, embaudo, pressuroso, corri ao encontro do corcovo ; mezes de apprehensões, mezes de conjecturas.

Finalmente, quando já não esperava, chegou-me a almejada carta.

Um horror !...

Escutem-m'a.

Meu amigo, meu irmão,

" Aproveito um instante de calma, ou antes, de lucidez, para escrever-te, para contar-te o horror da minha vida de ha seis mezes a esta data, para narrar-te o grande crime committido ha seis mezes, para dizer-te como o teu amigo casto e puro se transformou em monstro.

Quero que saibas com que solemnidade se realisou essa transformação. Quero que digas se ha algum alivio para esta alma condemnada.

Sexta-feira da Paixão,

Noite.

Durante o dia haviam trazido um féretro para a abbadia. Era o cadaver de uma moça.

Fôra mister guardal-o até sabbado, porque, em vida, ella pedira que seu corpo baixasse á cova ao som de uma marcha funebre, e, como sabes, no dia de Sexta-feira Maior os instrumentos emudecem, tudo é silencio, nem mesmo as horas se fazem ouvir.

E' o silencio da maior das mortes.

Depositaram o corpo na sacristia e, á noite, findo o officio de Traxas, o trasladaram para a nave.

Fui escolhido para velar. N'aquelle templo guarnecido das alcáditas negras com que o ornamentaram para as funebres pompas commemorativas da morte do Homem-Deus, a sós me achei.

Companhia terrível para o meu isolamento, — um cadaver! —

As imagens envoltas em crepus luctuosos não se deixavam ver.

Sinistra cumplicidade.

Um odor estanho, mixto de cirios recém-extintos e de apagados thuribulos se difundia, evoluíndose, suggestivamente, pelo sagrado ambiente.

Illuminada por quatro tochas tremulas e vacillantes, hirta, no seu esquire branco e lynio, repousava a morta.

Foi uma noite de horror!

Attravez o branco sudario que a envolvia se lhe delineavam as curvas — curvas e linhas do seu corpo virgem! — Os seios fignos pela fignitez da morte com as suas formas peccadoramente provocadoras, como que me lambucavam um desirio! Os olhos orlados de negro, — omia ainda mais negra pela sombra que projectavam os seus longos cilios, — pareciam inteiramente cerrados.

Pelo oscillar das luzas, talvez, se me representou movimentar-se o corpo.

Foi uma noite de horror!

Ante aquelle cadaver, cujas formas me revelavam o nunca presenciado e o jamais conhecido, ante aquellas seios, nunca adivinhados, minha carne, até então não percebida, se manifestou. Tardamente disperta do ascetico letargo em que eu a conservara, despótica, dictadora, impia, com furor exigiu os seus direitos! E o homem casto, tão timorato; o homem cuja austeria conduzia seus velhos irmãos invejavam, tudo esqueceu n'esse instante de allucinação carnal e de denario infame! Intelligencia, alvitez moral, dever, tudo se me apagou, tudo se me aniquillou, tudo desapareceu; tudo esqueci, até mesmo o proprio Deus.

Ante mim, só via aquellas allucinantes formas, só sentia o inferno da carne e os seus lágras em fogo!

Foi uma noite de horror!

Tremulo, cambaleante, levantai-me, e, atirando com o breviano á lage do tempo, caminhei para o catafalco.

Agarrei-lhe as mãos cruzadas sobre o peito, e, com esforço inaudito, destenti os musculos e enriguidos pela morte. Separei-as.

Um instante de hesitação. Com o olhar prescrutei o lugubre silencio; nada vi, nada ouvi.

Ella na sua rigida compostura, a luz dos cirios, as imagens envoltas no crepe negro, e nada mais!

Rompilhe as vestes até a cintura, e, arquejante, allucinado e louco, collei os labios áquelles seios, sentindo meus dentes se lhe entranharem nas carnes regeladas!

E, tudo quieto! E, nem o monotonio som do bronze a me indicar mais uma hora finda, a me chamar — quem sabe? — á realidade, a me arrancar da violenta allucinação.

Retirei a bocca de sobre os seios para levall-a aos labios semi-cerrados. Resoni pelo templo o estalar de um beijo

voraz, beijo sacrilego, beijo que tinha, em si, a fome de um necrophago.

N'esse instante, alguma coisa me roçou o rosto e um cisno se apagou como que por um sopro invisível.

Levantei assombrado a cabeça, e, n'um movimento brusco, com o braço que sob o cadáver eu havia passado, o ergui, tirando-o, em parte, fora do caixão.

Vi um enorme morego, voltívolo e rápido, girar na vastidão deserta do templo.

O lubrico arquejar d'esta carne infame cessou.

Olhei a morte e, seus olhos que antes me pareceram inteiramente cerrados, estavam semi-abertos, e, fitando-me baçamente, como que me atiravam um anathema. Nos seios, as denegridas feridas feitas pelos meus dentes...

Minha alma então despetou; era a alvorada da consciência; compreendi a enormidade do crime consummado e um tremor horripilante todo me sacudiu; vacilei, caí.

Aqui, na profundidade do Santuário, estas palavras em voz abafada e tremula repercutiram indefinidamente pelo eco da nave abobadada: "E tarde, é muito tarde."

E a gargalhada satânica de um mocho, como um epigramma da treva, se fez ouvir. Senti eu n'ella o regosio de Sadaí por tal victória...

E tudo terminou.

Na minha queda arrastando o cadáver por mim maculado, nada mais senti, nada mais ouvi.

Quando despentei estava estendido sobre o cante de minha cella. Olhei em volta e nada vi; estava só, inteiramente só, e em derredor, outro silencio.

Na grande projecção de sol que entrava pela janella, manchando de luz o negror do soalho, passavam, em morna quietude, moscas tediosas.

Lembrei-me da noite que passou, que se foi; lembrei-me da morte e tive medo.

Parcei-me que tudo se tinha acabado, que só eu ainda vivia, condemnado a expiar meu crime n'um profundo isolamento, num immenso vacuo, na enorme solidão a cujo despótico dominio eu me entregara.

Assombrado quiz gritar, chamar por alguém, e a voz se me extinguiu na garganta. Caminhei, ou antes, arrastei-me até a porta para fugir. Não consegui abri-la.

Ataquei-a, a punho, com ambas as mãos, porém, só me respondi o eco das minhas proprias pancadas.

De novo ia bater, quando, repentinamente, ouso o irromper de mil vozes, ora harmoniosas, ora dissonantes em terrível discordancia a tumultuarem pavorosamente, estrangulando o silencio de me então!

Era a Alleluia!

Orchestra, fogos, sinos, vozes humanas, vozes metalicas, tudo vibrava n'um hymno estidoroso de victória, para saudar a hora em que Jesus resurgiu.

A humanidade supremamente regosijada sentia-se remida.

E eu, porém, — talvez o unico Deus de misericordia! — eu, teu ministro, te maculava o templo!

Foi no teu santuario, na noite commemorativa do teu martyrio, que tudo olvidei, que infamemente caí!...



Sou o reprobado ; para mim não ha remissão ; de Emmanaués serai o exclamdo !

Minh'alma, sentindo o peso d'essa proscricção dilacerou-se na dôr.

N'uma genuflexão de desesperança emplorei—piedade ! perdão !—para a minha desgraça.

Nada se me concedeu.

Ante mim, apparezido sinistra, atirava a morte ! Meus olhos a viram provocante e branca na brancura do seu sudario, e o meu olfacto—que horror !—sentio-a já hedorosa !

Entretanto, a miséria das miserias !—diante d'aquella visão seductora ainda me dominava a luxuria ! Brutalizado, quiz agarrar-a...

N'esse momento, porém, a porta que eu não pudera abrir, subito, abriu-se, a visão desapareceu e junto a mim vi o prior, meu Pai.

Acabrunhado, pallido sentou-se a meu lado.

" Talvez preocupado pela noite de vigilia que passaste, eu me encaminhei para a igreja muito antes da hora da matina ; lá chegando assisti o despertar da tua consciencia pelo voejar de um morcego, pelo gargalhar de um mocho. Vi tombiar teu corpo fatigado pela luxuria, fulminado pelo remorso.

Accendi o cinto apagado, compuz o cadaver descomposto e fui buscar um irmão que me ajudasse a transportar-te a esta cella. Assim para nossos irmãos tu succumbiste debilitado pelos austeros jejuns da Semana Santa, pela noite não dormida.

Junto a ti estive até a hora em que as ceremonias do dia exigiam minha presença no templo, e, temendo então que ao despertares da syncope fizesses ouvir palavras que outro não devesse ouvir fechei-te a chave, deixando-te só."

Santo homem ! tão rigoroso consigo proprio e tão indulgente para com os mais !

Comtigo elle chorava, e, com suas palavras consoladoras, tornou esperançosa esta alma desesperada ; fez crer—chimora ! no perdão !

Vá esperança, crenga vã, meu amigo !

A' noite, quando á sós, n'esta cella, após horas e horas de leitura nos alfarrabios, o corpo alquebrado pede descanso e o benéfico somno se faz sentir, vem perturbar-o o espectro.

Vejo, ora a rir offerecendo-me beijos, ora com labios espumosos esconjurando-me, rasgar n'um gesto convulso o peito, e, apontando-me uma larva enorme, immutula, que lhe corae o coração, cavernosamente dizer : " És tu !"

Desvairado como, então, a cella de meu Pai abrigar-me em suas palavras.

Breve, porém, nem esse abrigo me restará.

Meu Pai não tem muito tempo de vida e com horror sinto que lhe sobreviverei.

Como um aerophobo fujo agora á luz do dia. Parece-me que n'estas eas precoces, neste emmagrecido corpo careomido de tísica e remorso, todos vêm o estigma do crime. Sinto palararem sobre mim olhares surpresos de onde se escôa a compaixão !...

Durante os dias, a evitar os vivos, e durante as noites interminavéis, entregue, sem refugio, a mercê d'esse phantasma !

Escreve-me.

Que uma animadora palavra tua desça ao inferno da minha vida.

Quando juntar-se a esta desgraça a da morte de meu Pai, quem me restará ?

Tu, só tu, único que do "engertado" tiveste piedade. Que o horror causado pelo meu crime não supplante a recordação da nossa infancia.

Dize que de mim tens dó, que continuo no teu coração, que d'elles me não banirás.

Imita o Christo de outrora enviando-me um perdão, pois o de hoje me nega afastando-se de mim. A continuação, o arrependimento que em minha alma existiu, d'Elle ainda me não foi dado perceber, e, com riso, macabro ou com olhar sinistro me é enviado o só espectro execrando.

Piedade, compaixão, uma palavra de affecto, santo bálsamo, a mim chegue ! Teu amigo...

Quando recebi essa carta minha volta a Europa estava resolvida. Essa leitura, porém, apressou-o e tres mexas depois batia á porta do convento ansioso por abraçar meu pobre amigo.

Vou abrir a o irmão porteiro, meu antigo conhecido, a quem perguntei pelo velho abade prior.

— Morreu, foi a sua resposta.

— E meu amigo ?

— Também já não existe.

— Posso então fallar ao actual prior ?

— Sim ; suba ao parlatorio que eu o vou chamar.

Após alguns minutos de espera appareceu o novo prior, meu velho amigo também.

Contou-me minuciosamente, e com a satisfação de quem narra uma novidade, a morte do antigo prior, intermeiando toda a narração com as phrases : " Foi um santo e como tal morreu ; *requiescat in pace* ! "

Escutei-o em silencio, e vendo que nada mais tinha a dizer, perguntei sobre esse morto perguntei-lhe pelo outro, pelo meu amigo que tão cheio de vida, tão moço deixei. Como e de que tinha morrido ?

A essa minha natural pergunta, vi como que se contrahir a physionomia do padre ; visível desgosto, certamente lhe occasionou a lembrança do morto, e, entre hesitante e compungido respondeu-me :

— Aconselho-te, filho, a que nunca pronuncies o nome d'esse nosso irmão fora d'este recinto, caso não queiras que de ti, os mais se afastem evidentemente aterrorisados.

Vou contar-te como succumbio esse infeliz :

Foi depois da Semana Santa. Durante essa Semana-numa noite que de vigia passou junto a um cadaver, o acommeteu um desmaio e assim desacordado o levaram para a cella. Desde então o riso desapareceu de seus labios, de nossa companhia começou de desagregar-se, se lhe amarelleciam os faces, embranqueceram os cabellos, e, no rapido emmagrecimento do corpo advinhavase uma tísica. Simultaneamente as suas maneiras se tornaram estranhas.

Durante os dias ninguém o via a não ser em horas de oração, e, a noite era encontrado, ora correndo, ora cambaleando pelos corredores d'este convento.

Quando ia celebrar, rito concluiu a missa.

Muitas vezes—horror!—depois de consagrada a hostia a collocava sobre o altar e sabia correndo, apavorado, como se ante elle Satan tivesse surgido!

Vendo-o assim, o prior—santo homem!—prohibio-o de officiar.

Docil curvou-se a essa prohibição, e, a hora em que nós outros, no templo, nos elevavamos a Deus, elle, só, na sua cela teticamente entoava psalmos.

Inte os irmãos os pareceres divergiam: para uns era um processo, e difficil foi impedir o exorcismo; para outros era um simples doído. Para mim alguma coisa mais havia.

Aquelle cerebro tão bem conformado, aquelle espirito exelso, não se podiam assim abalar, desorganizar sem um forte motivo poderoso, sem uma grande e invencivel emoção.

Alguma coisa de terrivel, de desconhecido, forçosamente havia, e, sob a influencia d'esse terrivel, d'esse desconhecido, certamente se deapropriava a alma ao desgraçado!

Lembrei-me de chamar um medico; julgou inutil o prior. Apes a morte d'este mandei vir um, e, quando o levei a cella do infeliz, este o recebeu cortezmente, deixou-se auscultar, examinar e disse:

“E' tarde. A sciencia nada mais póde, o meu remedio é a misericordia de Deus.”

Com effeito, assim era, e o medico nada receitou aconselhando-me apenas a que o fizesse passar algum tempo fóra do claustro.

Fui ao presbiterio procurar o velho cura. Pedi-lhe para hospeda-lo por algum tempo.

Aquiesceu.

No dia immediato entreguei-lhe o enfermo.

Um mez, mais ou menos, tinha decorrido, quando um camponio, retardatario, passou, depois de meia-noite, diante do cemiterio, onde, contava elle todo tremulo e amedrontado, havia visto luzes! Nas alvas muralhas da capella, gigantesca-mente projectava, a sua sombra, um sacerdote paramentado para o santo sacrificio!

Ao céu brumoso de inverno, onde a lua, pairava pardacenta elevava elle o calice!

Ó panico que semelhante conto produziu na plebe, vós o comprehendeis meu filho.

Depois da hora crepuscular ninguém mais ousava passar diante da morada mortuaria.

A nós, porém, tal historia não impressionara; julgamo-la como a impostura e a mentira da imaginação exaltada de um inferior.

Quando era n'essa incredulidade! Porque nos conservamos indifferentes? Porque não nos apossamos da verdade?

Quinze dias, se tanto, pós essa narrativa fui chamado a toda pressa, ao amanhecer.

Presentindo uma desgraça, pressuroso, accudi.

A' porta do presbitério o sacristão me disse :

" O sr. cura nos espera no cemiterio."

Para lá nos dirigimos, contando-me elle em caminho que o padre tinha sido despertado pela visita do cozeiro, e, que juntos sahiam levando agua benta, santos oleos, todo o necessario para a Extrema-Unção.

Olha filho ! vê como até hoje ainda estremeço, como me corre o suor ao relembrar aquella scena terrivel !

Todo paramentado das vestes sagradas, estava o nosso desgraçado irmão cabido junto ao sepulchro que encerra o cadaver, por elle velado na noite da Semana Santa. Nas fontes se lhe via uma ferida hiante onde o sangue se coagulava por entre os cabellos brancos.

Sobre o corporal estendido no marmore fumado estavam dois candelabros com os cirios extintos ; entre ellas, um crucifixo parecia olhar compassivamente para o morto. De lado, o missal aberto na pagina da grandiosa scena dolorida do Gólgotha.

Esparsos pelo corporal jaziam os objectos rituaes desde as galletas aos sanguinhos, desde a patena ao solidéo.

O calice tombado fora da pedra d'agua, e, o vinho, sangue precioso, alacrorosamente se derramára no corporal branco formando uma faixa amarelada. A hostia, elle a guardava ainda segura entre os empedrados deos resequeitos, e, certo, devido a nevoa da noite, enai, como que fanada, emmurechear, supplicada de sangue, toda se lhe desfazia entre as mãos mirradas.

No corporal, no peito d'agua, na casula tambem se notavam gotas de sangue.

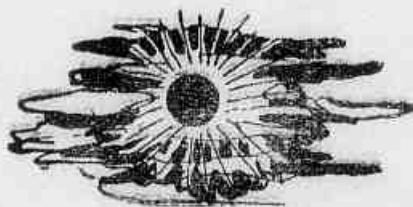
O crucifixo e paramentos eram da capella do proprio cemiterio, mas como elle conseguira occultar-se para permanecer ali durante a noite, ninguem o sabe.

E assim findou, sem uma palavra de conforto, sem uma lagrima que o acompanhasse á cova, esse ente tão dedicado, repellido pelos pais ao nascer, e ao morrer, amaldiçoado pela turba que, curiosa, invade o cemiterio, e que, horrorizada, convulsa, atirava para os echos n'um clangor apocalypico de desespero a palavra maldita que esses mesmos echos absorviam e expelliam.

Sacrilego !... Sacrilego !... Sacrilego !, ..

4 de Julho de 1896,

Raphaellina de Barros.



## A FÉ

### I

Casa monja sereníssima e sombria  
Que os desgraçados meigamente abraça;  
Luz secreta que as almas alumia  
Nas borrascosas trevas da desgraça.

Estrela tiferenciosa e fugidia  
Que sobre o mundo vem a luz da graça;  
Voz celeste de cantada harmonia  
Que, nos turbos da dor, cantando, passa.

Anjo ignoto que baixa sobre a terra  
E aos olhos tristes dos mortos decepa  
O véu que encobre a sideral bonança.

Divina essência do divino effluvio  
Que fez Noé salvar-se do dilúvio  
Dentro da frágil arca da aliança.

## A ESPERANÇA

### II

Hora ineffável da carícia lenta  
Da asa do Souto a nos roçar de perto,  
Quando, dentro, no peito nos rebenta  
A flor amarga do desejo incerto.

Deslumbramento azul do céu aberto,  
Que o tédio dos espaços afugenta;  
Fonte (in eterno) bem sobre o deserto  
Da eterna dor, que as almas atormenta.

Vago anseio de achar nesta existência  
Os roseirais floridos da clemência,  
Junto às sombras da paz e da concordia.

Hora das horas languidas, veladas,  
Em que as almas se sentem penetradas  
Da luz da celestial misericórdia.

## A GARIDADE

### III

Fada errante das lobregas estradas,  
Das estradas desertas da existencia,  
Que traz ao collo as rosas da clemência  
Para ennascear as frentes desgraçadas.

Tenda das almas tristes, olvidadas  
Da miséria na amarga penitência,  
Em que se extorcem nãma eterna auzência  
De redemptoras bençãos esperadas.

Bandeira alva da paz vencendo a guerra,  
Vasto manto de sol cobrindo a terra  
Das finas geadas gelidas do inverno.

Prompto remédio do poder celeste  
Contra as dótes fataes e contra a peste  
D'este mundano e temeroso inferno.

Carlos D. Renaudino.



## ARTHUR RIMBAUD

(RÉMY DE GOURMONT)

Nasceu em Charleville, a 20 de Outubro de 1854, o poeta João Arthur Rimbaud, que, desde a sua infancia, se manifestou o mais incorrigivel bohemio.

Data de 1870 a sua ultima estada em Paris.

Ligado a Verlaine por intimas afinidades mentaes, partiu com elle para Inglaterra, indo tambem até a Belgica.

Abrí desligaram-se por uma ligeira desavença entre elles occorrida. Rimbaud resolveu, então, correr mundo, exercendo as mais diversas profissões, taes como de soldado no exercito hollandez, de porteiro do circo Loissat, em Stockolmo, de empreiteiro na Ilha de Chypre, de negociante em Hattar e depois no cabo de Guardafui, na Africa, onde se entregou ao commercio de pelles.

Afirmou-se que este poeta, singular entre todos, renunciára a poesia, desprezando tudo que não fosse o goso viagem da natureza, a aventura selvagem e a vida livre e indomita.

Nenhuma das peças authenticas do *Relicario* tem data anterior a 1873, apesar de Rimbaud só ter fallecido em fins de 1891.

Os versos da sua infancia são em geral fracos embora muito inspirados; mas com a idade de 17 annos Rimbaud havia dominado os mysterios da originalidade.

Sua obra preciosa ficou, por certo, como um phenomeno de esthesia.

O poeta do *Relicario* era, por temperamento, obscuro, bizarro e absurdo; sendo, no entanto, de uma affectividade feminina e de um caracter intransigente e altivo.

De uma ferocidade apparente e até com laivos de maldade, Rimbaud era d'esses raros talentos que interessam sem agradar.

Ha na sua obra exotica traços de uma belleza tão singular que dão a suggestão de um sapo aberto em pustulas ou de uma Venus syphilitica, escabujando, á noite, na praça so-turna do *Chateau Rouge*.

*Les pauvres à l'église*, *Les Premières Communions* têm o raro sabor das terríveis infâmias e das profundas blasphemias.

*Les Assis* e *Le bateau ivre* são, em synthese, a grande alma ironica e sonhadora de Rimbaud.

Elle não excluiu da minha admiração nem a *Oraison du soir* nem tão pouco as *Chateaux de Roule*, pois que o genio tem a divina particularidade de enobrecer a propria torpezza. Elle era um poeta na accepção puritana d'este vocabulo soberano.

Muitos dos seus versos ficaram implantados na allocução usual dos artistas. Por exemplo:

"Avec l'assentiment des grands héliotropes".

As estrophas do *Bateau ivre* são de uma verdadeira e de uma grande poesia:

"Et dès lors je me suis baigné dans le poème  
De la mer, intusé d'astres et latescent  
Devant les azurs vents où, flottaison blême  
Êt ravié, un noyé pensif parfois descend.

Où, teignant tout à coup les bleuités, delires  
Et rythmes lents sous les rutillements du jour,  
Plus fortes que l'alcool, plus vastes que vos lyres,  
Fermentent les roussours amères de l'amour".



A. Rimbaud morrento, por Izabel Rimbaud.

Touto o poema reveste-se d'este singular e maravilhoso encantamento, e todos os seus versos têm rythmos ineffaveis.

Ha nas *Illuminations* maravilhosas dangas do ventre.

O poeta lamentava que a sua vida tão procellosa e tão ignorada não tivesse sido uma verdadeira *vita abscondita*.

E' este o unico desgosto que se sabe do impenetravel e aventureoso Rimbaud.

O poeta do *Bateau ivre* era como uma concubina que se orgulha de pontificar o amor pelos bordeis.

Elle, no entanto, despeitava-se com a sua apparencia de mulher euivada e apaixonada, parecendo esse seu modo de ser uma inclinacão crapulosa quando mais não era do que a meiguice do seu temperamento.

Senancour, o homem que mais livremente ha fallado do amor, d'esse contraste de sentimento, em que a femer cahê tao baixo que só encontra qualificativo no campo lodoso das espeluncas, — dizia :

“Que dans une situation très particulière le besoin occasionne une minute d'égarément, on le pardonnera peut-être à des hommes tout à fait vulgaires, ou du moins on en écartera le souvenir ; mais comment comprendre que ce soit une habitude, une attachement ?

La faute aurait pu être accidentale ; mais ce qui se à cet acte de brutalité, ce qui n'est pas inopiné, devient ignoble. Si même un emportement capable de troubler la tête, et d'ôter presque la liberté, a laissé souvent une tache ineffaçable, quel dégoût n'inspirera pas un consentement donné de sang froid ? L'intimité en ce genre, voilà le comble de l'opprobre, l'incorrigible infamie.”

Mas, se a intelligéncia conscientê ou inconscientê, não tem todos os direitos é justo que tenha a regalia de todas absolvições.

... Ah ! quem sabe se o genio

Entre as vossas virtudes não se conta,

monstros, que vos chamais Rimbaud, — ou Verlaine ?

“Do Livro das Masques”.

Elysiô de Carvalho.

---

### NOCTURNE VULGAIRE

Un souffle ouvre des brèches opéradiques dans les cloisons, — brouille le pivotement des toits rongés, — disperse les limites des foyers, — éclaire les croisées.

Le long de la vigne, m'étant appuyé du pied à une gargouille, — je suis descendu dans ce carrosse dont l'époque est assez indiquée par les grâces convexes, les panneaux bombés et les sofas contournés.

Carbillard de mon sommeil, isolé, maison de berger de ma miséricorde, le véhicule vite sur le gazon de la grande route effacé et dans un défaut en haut de la glace de droite tournaient les blêmes figures lunaires, feuilles, seins.

— Un vent un blai très foucés envahissent l'image. Détélagé aux environs d'un tache de gravier.

— Ici va-t-on siffler pour l'orage, et les Sodomas e les Sobyans, et les bêtes féroces et les armées.

(Postillon et bêtes de songe, reprendront-ils sous les plus suffocantes futais, pour m'en foncez pisqu'aux yeux dans la source de soie ?)

Et nous envoyer, fouettés à travers les eaux clapotantes et les boissons répandues, rouler sur l'aboi des dognes...

— Un souffle disperse les limites du foyer.

Arthur Rimbaud.



# OPHÉLIE

## I

Sur l'onde calme et noire où dorment les étoiles,  
La blanche Ophélia flotte comme un grand lys,  
Flotte bas lentement, couchée en ses longs voiles,  
Où entend dans les bois lointains des battements.

Voilà plus de mille ans que la triste Ophélie  
Passe, fantôme blanc, sur le long fleuve noir ;  
Voilà plus de mille ans que sa douce folie  
Murmure sa romance à la brise du soir.

Elle vent laisse ses seins et déploie en corolle  
Les grêles voiles becsés molement par les eaux,  
Ives santes frissonnent et pleurent sur son épule,  
Sur son grand front rêveur s'inclinent les roseaux.

Les nénuphars froissés soupirent autour d'elle,  
Elle éveillé parfois dans son ajas qui dort,  
Quelque nuit d'am s'échappe un petit frisson d'aile,  
Un chant mystérieux tombe des aséris d'or.

## II

O pale Ophélia, belle comme la neige,  
Où tu noieras, enfant, par un fleuve emporté,  
C'est que les vents tombant des grands monts de Norvège  
T'avaient paré tout bas de l'aque libérée !

C'est qu'un souffle indompté, fouettant ta chevelure,  
A ton esprit rêveur portait d'étranges bruits ;  
Où ton cœur entendait la voix de la Nature  
Dans les plaintes de l'autre et les soupis des nuits !

C'est que la voix des mers, comme un immense râle,  
Brait ton sein d'enfant trop humain et trop doux ;  
C'est qu'un matin d'avril, un beau cavalier pâle,  
Un pauvre fou, s'assit, muet, à tes genoux !

Ciel, Amour, Liberté ; quel rêve, ô pauvre folle !  
Tu te fondais à lui comme une neige au feu ;  
Tes grandes visions étrangeaient ta parole,  
— Et l'irrité terrible affara ton œil bleu.

## III

Et le Poète dit qu'aux rayons des étoiles  
Tu viens chercher, la nuit, les fleurs que tu cueillis,  
Et qu'il a vu sur l'eau, couchée en ses longs voiles,  
La blanche Ophélia flotter, comme un grand lys !

Arthur Rimbaud

## O NEPHELIBATA

O misticismo transcendente de Paul Verlaine, os exotismos artificiais de Jean Moreas, o pantheísmo virgami e singularmente estético de Arthur Rimbaud e o simbolismo imagético de Maurice Maeterlinck, todos legitimamente propios do estado mental, mais anarquizado da França contemporânea, têm influenciado de uma maneira desastrosa, sobre o estado deplorável da actual litteratura portuguesa, que tem a sua frente como heróico phalangista, um bozo alegre, um rebelado de Coimbra, um D. Quixote destructivo, um idiota em fim, que acode pelo nome de Eugénio de Castro.

Antes de entrar em analyses a respeito deste pandego, que tem um grande sequito de papalvos congostados, aqui e em Portugal, e preciso dizer que para garantir o merito intellectual da patria de Amaro do Quental ainda vivem Eça de Queiroz e João Barreira, esse augusto prodigio de sensibilidade, esse maravilhoso pontifice da suprema esthetica, esse nebuloso e sabio sonhador, esse teimoso archaizo melancolico eternamente perdido em altas scissmas abstractas pelos novos mundos subjectivos da sua fecunda imaginacao sem limites.

Elle até hoje publicou um unico livro, com o titulo *Gratulas*, em que ha revelações ineditas de sentimento, prescru-tagões inenarraveis da alma humana, illações surprehensíveis das cousas, e tudo isto em purpuras de linguagem, em prodigios de estilo tão original e tão bello que dá á lingua portugueza o encanto penetrante de um regato de ouro limpido, deslisanho nam virgem recanto ignorado da natureza, sobre um leito juncado de lyrios e de açucenas.

Deixemos, porem, o meu querido João Barreira, cuja grandesa epica não cabe nos limites da admiracao contemporanea, e falemos do bobo que tem inutilisado os fins papeis de linho, Japão, China e Hollanda da typographia Franca Amado com a publicação dos seus livros sem nexo, attentos perfectos contra o bom senso e contra a logica.

Esse joven pernicioso, esse Eugenio de Castro incorregivel e teimoso não e nem um poeta fadista como o Hilario, porque lhe falta em absoluto a espontaneidade de tal sentimento. E' simplesmente um enfadado bacharel posar, que vai a Paris e falta Franbez, não porque a lingua sumptuosa de Voltaire o deslumbre, mas porque é um complemento do mundanismo elegante saber a gíria dos cabaras.

Entremos porem em argumentos provaveis sobre a nulidade completa do auctor do *Intertunio*. Elle escreve interlunio com v porque é decadista typographico, em lugar de ser typographo, em cuja arte iria melhor do que em litteratura, para o que tem demonstrado a mais absoluta e complexa negação.

Como todos os seus livros são piores entre si, estou vacillante na escolha do que me tem de servir para documentar estas razões.

Servamo-nos, porem do proprio *Intertunio*. O Sr. Eugenio de Castro com a desfaçatez dos malucos injuria na primeira pagina as memorias consagradas de Boóc, Baudelaire, Villiers e Barbey d' Aurevilly, aos quaes tem o ousado desprante de dedicar o seu livro pornographico de sensaboria.

Si o Sr. Eugenio de Castro fosse um artista que tivesse lido e comprehendido as obras de Villiers e Poë, não commetteria por certo a profanação de lhes dedicar uma antithese da logica, porque assim se pode chamar precisamente o seu *Intertunio*.

Si o Sr. Eugenio de Castro sentia-se um poeta, não tendo, no entanto, chegado ao completo desenvolvimento das suas faculdades estheticas para empreheñar a feitura de uma obra, não a devia absolutamente fazer para não se desmerecer a si proprio. Mas tanto elle é um triste inconsciente que perpetra a monstruosidade, offerecendo-a, em seguida, a quatro impeccaveis artistas e deixando perceber neste seu acto espontaneo a prova mais eloquente da sua falsa natureza de artista a força.





## RÉMY DE GOURMONT

(FRANCK DE BOUQUINÉP)

A vida de Rémy de Gourmont explica melhor que todas as analyses, sua obra tão variada e tão curiosa. Nasceu no castello de Bazoches-en-Bouille, no departamento de Orne. Descende dos Gourmont, pintores e gravadores (foram os primeiros impressores francezes do grego e do hebraico nos fins do XV século ao meado do XVI). Era, pelo lado materno, um primo bisneto do poeta Remy Belleme.

Veu a Paris em 1858, e a idade de vinte e tres annos, conseguindo ser nomeado para um cargo da Bibliotheca Nacional, aonde foi logo agraciado pela administração com especiaes regalias.

Em 1884, pouco depois de chegar em Paris, escreveu um artigo intitulado *La justice des nations*. Este artigo, commentado pela imprensa do mundo inteiro, foi celebre em seu tempo. O autor baseando-se na doutrina dos factos consummados, affirmava a necessidade de um accordo franco-alemão. (1)

Rémy de Gourmont se entregou as silenciosas orgias da sabedoria e do trabalho. Collaborador do *Journal* (1892 e 1894) e do *Mercure de France*, no qual da todos os jhezas sob o titulo de *Épilogues*, reflexões de seu espirito fino de escriptor, elle dedicou-se n'esta epocha em publicar uma serie de livros d'um alto interesse. (2) Sua intelligencia abraçou todos os assumptos tratavetes agradavelmente. Este escriptor se me

(1) Neste tempo as duas provincias francezas Alsacia e Lorena, passavam para o dominio da Alemanha em consequencia da desastrosa guerra franco-prussiana em 1870.

(2) Na excellente revista *Mercure de France* escreve assiduamente, ha longos annos, publicando em todos os numeros *Les Épilogues*, deliciosos chroniques sobre os acontecimentos do mez, nas quaes se revela philosopho profundo, critico de alto criterio, grande observador e combatedor dos homens e das cousas. E' no *Mercure* que dá publicidade á maioria dos seus trabalhos, antes de editalos em volume.

Além disso, collabora na magnifica revista *L'Évolution*, na *Revue Blanche* e em outros periodicos litterarios. (Barão de Santo Alberto n. A TAVEL de 3 de Abril de 1899).

apresentava verdadeiramente como o beneditino leigo que fallava Anatole de France, no prefácio do primeiro volume de sua *Via Litteraire*.

O autor desses bellos romances: *Silvius*, *Le Fantôme*, *Les Cheveaux de Diabolo* (vertido para o allemão), *Histoires narratives d'un pays lointain*; o signatário do *Libre des Masques*, notáveis retratos litterarios; o escriptor de *Lilith*, *Théodot*, *Phénissa*, *La Vieux Roi*, *La Pelerin du silence* e d'outras volumes, é, um dos litteratos o mais interessante da nossa epocha.

É da mesma forma que a erudição hereditaria dos Gourmont se manifestava no bello livro *Le Latin Mystique* (1893) e na *Esthétique de la langue française* (no prelo), que o amor pela arte que herdou de seus avós dava-lhe meios para se expandir em uma serie de publicações illustradas onde brilha o seu talento de pintor e gravador (3): da mesma forma o sobrinho bisneto de François de Malherbe, dech as suggestões da Musa, dava-nos ás vezes e da ainda — mas muito raramente á meu contento — poemas em um tom bem pessoal, duma graça estranha, duma soberba elegancia.

Elysio de Carvalho.

## OS FOSSILISADOS E OS DESHONESTOS

São dois typos a estudar em nosso meio litterario: o fossilizado e o deshonesto. Mio modelo paleontologico permanece inalterado, a inconsciencia de sua profunda imbecillidade, crendo que nada depois delle se fez, e que a arte desde então permaneceu estacionaria; e o deshonesto que vive se chafurçando, com a lascivia immunda de um suino, nos pantanos em que o caracter se corrumpo e se dissolve.

Sob a denominação de fossilizados bem se podem agrupar todos os pseudo litteratos que do alto das columnas da *Revista Brasileira*, ridiculamente graves e doutrinaes, pontificam com essa beatitudine aparvanchada de vigário de ancha, sem consciencia do que dizem e do que fazem.

A evolução partiu com elles: podem pois ser eternamente os directores da opinião em materia de senso esthetico.

6) pensamento humano de então para cá nada tem produzido que mereça ser lido e meditado. 6) romantismo foi o terminus fatal de todas as litteraturas, a suprema perfeição, o summo requinte de Arte.

(3) Pintor e gravador, como seus avós, dellas herdou o mesmo amor pela sublimidade, pela divindade ante da typographia, infelizmente hoje desprezada, desleixada, abastardada prostituida. As edições de seus livros são primorosos typographicos: formatos *in 8º royal*, *in-12 raisin*, *in-16 pique*, *in-16 Jésus*, *in-16 écu*, etc., tiragens unicas de 47, de 84, de 100 exemplares numerados e já mais reproduzidos: impressões em papel *velin-écru*, *jaпон* imperial, hollando, *jaпон vieux-rose*, *chine*, *verge d'Arches*, etc.; letras de madeira, ornamentação em vermelho e azul, *ans-de-lattes* artisticas, vinhetas gravadas antigas reproduzidas, frontespicios gravados *à la point sèche* e titulos *à la pouce*, pelo autor e por notáveis artistas, como Armand Séguin, Henri de Groux, etc.

O seu amor á arte dos Ibsen, dos Gourmont, dos Aldini, levou-o a articular *le Ymagier*, publicação luxuosa que cessou, mas da qual restam dois volumes *in-4º grande*, com 300 gravuras, reprodução de antigas vinhetas dos seculos XV e XVI, paginas de livros, missaes illuminadas, miniaturas, etc. (Bargão de Santo Alberto n.º A TARDON de 3 de Abril de 1899).

O parnasianismo, segundo elles, excedeu-se sacrificando á idéa a forma e degenerando quasi numa nevrose. Casemiro de Abreu "o poeta do amor e da saudade" é ainda coberto de laureas. Não são porém tão imbecis esses fossilizados, que não percebam o vazio que se vai fazendo em torno a si. Num impulso do instinto de conservação apegam-se aos que por direito de successão e de conquista deviam substituí-los, procuram os mais doces, isto é, os menos dignos, que têm o caracter feio de vime, e glorificando-os com um disfarçado ar de paternal protecção, conseguem manter as posições.

Fossilizados, não comprehendem e não conhecem a orientação artística moderna.

Alguns que se tornaram fosséis em época pouco ulterior, admittem ainda, por um acto de generosa benevolencia, os proceres do realismo. E não vêem esses individuos que o proprio realismo cessou de existir, sem deixar como o classicismo e o romantismo, um só monumento perduravel que assignale no futuro o papel que desempenhou na evolução litteraria.

Glorificam Gonçalves Dias, cuja obra é quasi toda sem valor e olvidam Eagundes Varela que ha de ser lido com admiração emquanto houver quem saiba no Brazil separar o joio do trigo, o ouro de lei do pechisbeque de faneário, em materia de arte. Atribuem ao mulato maranhense todas as glorias mais rutilas do indianismo e descomhecem em absoluto a obra de Basilio da Gama, que iniciou uma época nova na litteratura portugueza, rompendo com as anachronicas ficções da mythologia grega e lançando com brilhantismo nunca depois excedido os alicercas do indianismo, antes mesmo que esse movimento se assignalasse em França com o apparecimento de *Chaetas* e *Atala*.

Fosséis que são, falta-lhes sempre o criterio necessario para emitir juizos e d'ahi a infinita catadupa de asneiras, contra a qual só agora se começa a oppor uma barreira.

Vencidas pelo merito triumphante e viril, honesto e nobre, as tres gerações unidas na Academia Brasileira de Letras pela afinidade do demento, serão forçadas a nos ceder o passo, pela ordem fatal e logica dos acontecimentos.

Innumeros alguns com os fossilizados, outros commosco, existem os deshonestos, que fizeram o diamante rutilo do espirito voltar de novo ao seu primitivo estado carbonifero, chafurdando-o nas trevas, e na lama e inutilisando-o assim para commettimentos de alto valor, para empresas dolorosas da Arte, em cujo seio só encontram abrigo os dignos e os honestos.

Quem não conhecerá esses que alugam a consciencia por um calice de paraty e vendem-na por um copo de absynthio?

Quem não conhecerá esses typos de olhos idiotas e inexpressivos que o alcool avermelha e rala de sangue?

Palhotos, vivem perambulando nas ruas, pedindo a esmola de uma refeição, e gastando as noites em bacchanias imundas e baratas.

Nas confeitarias, comento empachas e camarões, em amoroso e nojeito colloquio com as imbecillidades femininas que constituem o nosso acanhado *demi-monde*, elles inspiram mais compaixão do que odio.

De quando em quando chegam-nos aos ouvidos narrativas de chamages e faleaduns praticadas por esses typos ignobeis

que não recuam mesmo ante a suprema infamia da exploração da mulher.

Esses os nossos inimigos: os fossilisados e os deshonestos.

Os primeiros são pela sua própria natureza paleontologica, inoffensivos.

Os ultimos, como bebados que são merecam d'ó e quando um movimento de reacção lhes fizer erguar a alcooltizada cabeça, reaccionam então ao chicote, querendo ser juizes ou a policia a quem compete a vigilancia das garantias individuais.

Felix Pacheco.

## NOTICIARIO ARTISTICO E LITTERARIO

### LIVROS

CONTOS EPHEMEROS, de Arthur Azevedo. — Rio de Janeiro, 1899.

*Contos asnaáticos* — tal deveria ser o titulo da obra do Sr. Arthur Azevedo, cuja primeira edição foi adquirida pelo *Pais* para a distribuir como premio, aos seus assignantes.

A livraria Garnier acaba de expor á venda a segunda edição que, graças a prodigiosa cultura litteraria dos bipedes desse Eulaliado andrógono e idiota que se chama Brazil, naturalmente se esgotará em poucos dias. E o nome desse garoto de fanearia, que vive nos azucrinando os ouvidos com suas pilherias insulsas, cada vez, mais avultará em todo esse desgraçado paiz fadado á ser eternamente uma cocheira de burros.

O nome que Hugo immortalizou em algumas paginas estupendissimas do mais admiravel catholicismo social que conhecemos — *Os Miseraváveis* — e que esse hediondo fazedor de revistas adoptou, será talvez um dia, quando o Brazil souber honrar a Arte, gravado a pize no pedestal de um busto de lama que então se levantará no pateo de um estabulo qualquer, em homenagem áquelle que tão burro soube ser na vida.

Gavroche, adoravel patife parisiense, garoto fidalgo e bohemio que tinha por tecto o Armamento, o doce faustoso das estrelas e que não tinha estomago; Gavroche, moleque de alta linhagem, farrroupilha privilegiado e nobre; Gavroche, intrépido *gamin* que rolaste sem vida sobre as taboas e as pedras de uma barricada, cantarolando uma canção safadota, statico e risoulo; Gavroche, profanaram-te o nome!

O Maranhão, a *Atlemais* de opera-buffa que produziu esse titulado pretencioso e besta que se chama Gonçalvas Dias, glorificado por tres gerações de imbecis; que produziu Odorico Mendes, o profanador do renome aureolado e esplendente do Gysme de Mantua; que produziu tambem, para gloria dessa taba de bugres papalvos e vanallicos, o padre Guedelim Mourão, o senador Benedito Leite e o monsenhor Brito; o Maranhão, fecundo sempre, viu nascer em sua capital, lá para as bandas do cemiterio de S. Pantaleão, do Cutim ou da ladeira do Quebra-Buntas, esse portento que, não obstante, foi obrigado a expulsar de seu seio a ponta-pes.

E elle aqui chegou e foi crescendo, dizendo asneiras e engordando até chegar ao estado que vemos.

Ah! Que pena não termos á mão uma vara de fumo Códó para zurzir o lombo desse castorizo, que nem se quer sabe, como seus semelhantes franceses, dourar sua mediocridade e velar com as parras do estylo estrechadamente malicioso, taustosamente imitator, os fructos de sua pornographia grosseira.

E viva o Brazil, que é a terra dos genios e o assombro da humanidade.

\*

ALMA, contos de Valentim Magalhães. Rio, 1899.

Por um capricho deslanchado Aquelle que tudo pode, querendo evidenciar os mysterios da metempsychose, fez transmigrar a alma de um fallacioso burro para o corpo de um recém-nascido, que na pia baptismal recebeu o nome de Valentim Magalhães.

Deu para escriptor mais tarde esse imbecile herdeiro da alma de um puxa cattoas qualquer. Tambem, desde que começou a escrever, começou a levar bordoadas e ha de morrer apañando, sem que com isso se envergonhe.

Coitado do Valentim! Cada obra que produz vale-lhe um cento de chicotadas vigorosas e justas.

n. da Silva.

\*\*\*

O INIMIGO, conto de Emiliano Perretta: Curitiba, 1899.

Ha em Curitiba um grupo de moços quasi todos dotados de talento, cheios de audaz energia e de boa vontade, operosos, infatigáveis, como já se têm revelado em varios trabalhos apparecidos em volume ou esparços em periodicos e revistas.

E' o grupo do *Centenario*, assim conhecido pela revista que publicaram de 1895 a 1897, com esse titulo e que mais tarde viram-se forçados a terminar, em virtude de excessivas despesas. E' o que succede sempre, entre nós, a tudo quanto concerne ás letras e á arte.

Vivem placidamente na monotonia burgueza da existencia provinciana, longe da rua do Ouvidor e dos mil prazeres e distrações das grandes capitães, em outro clima menos caído, mais benigno que o nosso, conseguem assemblear-se em palestras litterarias; e formam centros, clubs e gremios, onde permutam idéas e conhecimentos, estimulando-se, assim, proveitosamente.

O meu, porém, em que vivem é por demais esterilizador e atropiante; não dispõem facilmente de livros d'estudo; faltalhes publico e critica; careçam da influencia dos vastos centros intellectuaes.

E' por isso mesmo que os applaudimos, vendo que progredem dia a dia, e sentindo que, dadas as outras circumstantias, fariam ainda muito mais do que já têm feito.

Compõem actualmente esse grupo os srs. Emiliano e Julio Perretta, Leoncio Correa, Dario Velloso, Silveira Netto, Romano Martins, Antonio Braga e mais alguns, todos para-naoenses, conterraneos dos srs. Nestor Victor, Emilio de Menezes e Rocha Pombo, ora residentes nesta capital.





No *Amor Bucolico* e todos os outros contos da collecção, o seu estylo mostra-se incerto, desordenado. Ha trechos que satisfazem, e trechos que parecem escriptos pelo sr. Mello Moraes, ou outro d'igual jaez. Incerto, incerto, muito incerto; não tem a nota pessoal, uma maneira sua; ainda não sabe por onde enveredar; e vive jogando a cabra-céga do estylo.

E' um escriptor que se não revela, que se não faz notado por traço algum característico, que não tem sombra de originalidade. Ha paginas suas—não nos reportamos exclusivamente ao *Amor Bucolico*—que poderiam ser assignadas por João Barreira, e, logo em seguida, outras que parecem noticias de jornaes.

Nos contos da collecção de que nos estamos occupando, observa-se certa unidade; mas, comparados com outros trabalhos, differem tanto entre si como a agua do fogo.

E' de crer que o *Amor Bucolico* agrada muito no interior do Paraná, de Santa Catharina, do Rio Grande do Sul, com os seus personagens *Nhô-Vilinha*, *Nhô-Lau*, *Nhô Maneco Faustino*, e o modo de falar da gente baixa e campesina do sul. Aos artistas, porém, áquelles que tiveram delicado paladar, será um livro muito fraco, inferior, bastante desagradavel.

\*

**THURYBULOS**, versos de Luiz Edmundo. Rio, 1899.

Os *Thurybulos* do sr. Luiz Edmundo são versos intimos—sorte de cartas de namoro que, em numero de vinte, o poeta sobscriptou á sua noiva.

E'; os versos são bem metrificadiss; o livrinho é bonito, bem impresso; traz um retrato do autor, que deve de estar muito parecido; o titulo é expressivo: *Thurybulos*—incenso á mulher amada, a deusa do "cathir" que existe no fundo do seu coração." Em summa: o sr. Luiz Edmundo é um poeta, (quem o não é no Brasil?) um moço bem intelligente, com quem sympathisamos muito.

Creemos que o autor dos *Nimbos* e dos *Thurybulos* não tem pretensões litterarias e muito menos ambições artisticas. Escreve versos por desfastio, quando tem tempo.

\*

O sr. Carvalho Aranha nos enviou de S. Paulo o seu livro de versos *Primicias*, pedindo o nosso juizo critico.

Como nos falta espaço para dar um estudo demorado sobre o autor e a obra, promettemos fazelo no proximo numero.

S. A.

## NOTAS

O Centro Litterario Cearense de Fortaleza, abriu uma subscrição para compra do mausoléu onde serão depositados os restos mortaes do autor da *Normalista* e da *Tensação*, o malogrado romancista Adolpho Caminha.

\*

M. Sedelmeyer fez presente ao museu do Louvre do busto de Lamartine executado por Henry Wyndham Philips.

\*

A cidade de Boston que actualmente possui muitos trabalhos importantes do sublime artista Puvis de Chavannes,

deseja obter o busto deste artista executado por Marcelin Desboutin, que tem feito ultimamente grande sensação nos salões do museu do Champs-de-Mars.

Ainda uma obra e sobretudo uma interessante lembrança, diz o *Figaro*, que vai desaparecer da França. A Camara Municipal da cidade de Lyon reclama para o seu museu esta imagem unica de um de seus filhos mais illustres.

\*

Um *comité* composto de notabilidades artisticas e litterarias levantou em Paris, na praça de Valmondois, um monumento á memoria do grande caricaturista francez J. Daunier.

\*

Henrik Ibsen temoia installar definitivamente a sua residencia em Christiania onde começará de escrever as suas *Memorias*.

Elle já tem prompto uma obra dramatica que será representada nos theatros reaes da Christiania e de Copenhague.

\*

O busto de Georges Rodenbach executado por Lévy Dhumur, já foi collocado no museu de Luxemburgo, junto ao de Paul Verlaine de Chantalat.

\*

Falleceu em Paris á 12 do mez passado Hippolite Durand Tahier, secretario da Academia Nacional das Bellas Artes.

Critico d'arte, poeta de muito talento, elle tinha abandonado as lettras, e, animado por Puvis de Chavannes, consagrou-se a pintura.

Esse artista delicado e raro deixou muitas telas de valor artistico que fazem parte da proxima exposiçãõ do novo *Museu de Paris*.

\*

A Normandia, orgulhosa de suas glorias e feliz em perpetuar a lembrança de seus filhos, pretende erigir um monumento á memoria veneravel de M. de la Biotière, o historiadõ das *lusas regions Normandes*, que será executado pelo celebre artista Paul Harel, autor do *Demi-Sang*.

\*

Os associados do Club dos Cyclistas em Paris conseguiram expulsar desse gremio, o grande e extraordinario cyclista francez Emilio Zola, que delle era um dos seus membros.

\*

Falleceu em Paris á 2 do mez passado, o illustre jornalista Fernand Xau, fundador e director do *Le Journal*, um dos primeiros orgãos e talvez o mais litterario da França.

A creação do *Le Journal* foi a mais feliz de suas inspirações; o monumento que deixa a sua memoria.

Este jornal, o mais querido do publico, do publico novo, do publico sahido das escolas da Republica, que tem fome de litteratura e de poesia, que cubica o trabalho para si, para sua mocidade entusiasta, apaixonada pela Belleza e pela Arte, perdeu o seu creador, victima da sua extraordinaria actividade e excessivo trabalho.

De novos estaleiros, lançou ao mar um navio de modelo desconhecido, levando dentro em si uma illustre geração de escriptores e artistas. A morte de Xau causou grande pezar aos espiritos que o admiravam.

O talentoso maestro Francisco Braga, nosso illustre patriota que actualmente se acha na Alemanha concluindo os estudos que faltam a elucidação de seu talento, já concluiu a sua primeira opera sobre o libretto inédito de um dos mais applaudidos escriptores italianos, que será cantada nesta Capital.

Por todo esse anno F. Braga deve estar de viagem á terra patria.

\*

Realisou-se no dia 9 do corrente no salão do Instituto Nacional de Musica, o concerto do baritone e pintor paraense Corbiniano Villaga, com o fim de concluir os seus estudos na Europa.

Corbiniano depois de ter concluido os seus estudos litterarios, matriculou-se na Escola das Bellas Artes desta Capital, d'onde seguiu em 1895 como pensionista do Estado do Pará para Paris. Ahi frequentou a Academia Julian, sendo considerado como um dos mais distinguidos alunos. Em 1896 em uma exposiçáo que se realizou no Pará obteve uma medalla de honra. Em 1897, na Escola das Bellas Artes desta Capital apresentou-nos um retrato do maestro Francisco Braga, trabalho de algum valor artistico.

Tendo grande vocação para a musica, iniciou os estudos de canto em Paris com o maestro F. Lohin, chefe de canto da Grande Opera; cantou em diversos concertos, obtendo sempre grandes elogios da imprensa parisiense.

Quando no papel de Amonasso cantou a *Aida* na Grande Opera, recebeu os mais fervorosos applausos. Além da opera de Verdi, cantou o *Ortoby* do nosso genial Cantor Gomes, ao lado de Callois e Mlle. Blanche Masont.

Corbiniano Villaga teve para auxiliar-o na sua festa artistica diversos distintos maestros.

\*

O escultor Barrias já terminou a estatua de Victor Hugo. O artista o representou em pé, creado de quatro grandes figuras: a Epopeia, o Drama, a Ode e a Satyra.

¶

O celebre e illustre artista Falguière terminou o esboço que vai ser erigido a Ambroise Thomas. O maestro será representado sentado num rochedo, tendo uma figura allegorica aos pés.

A estatua de Thomas não tem pedestal e repousará sobre um socco.

\*

O editor Vanier já publicou o segundo volume das *Obras* de Paul Verlaine.

\*

O editor Ferrand está preparando uma nova edição do *Salambo* de Flaubert.

A obra conterá 50 composições de Georges Rochegrosse, gravadas a cada uma por Champollou.

O artista Maurício Jobim já terminou o esboço do monumento de Cruz e Souza, que será erigido a 19 de Março de 1906 no cemitério de S. Francisco Xavier nesta Capital.

A "A Meridional" oferece hoje aos seus leitores o esboço do esboço em barro, desta admirável obra d'arte.

\*

O importante diário *Iluminatis*, *Al Fardé*, publicado no dia 19 do passado, o retrato do impecavel artista das *Excelsões* e do *Missal*, o extraordinario poeta dos *Broquês* e dos *Phantês*, acompanhado de felizes artigos assignados por Carlos Fernandes e Elysiode Carvalho, testejando em uma justa homenagem o primeiro anniversario da morte de Cruz e Souza.

Extraímos d' *Al Fardé* a seguinte noticia do monumento de Cruz e Souza: "Reuniu-se hontem o comitê encarregado de erigir, no cemitério de S. Francisco Xavier, um monumento á memoria do genial poeta Cruz e Souza. Cremas que, Carlos D. Fernandes, Elysiode Carvalho, Saturnino Meirelles e Felix Pacheco, membros do comitê, não deixaram sepultada no esquecimento esta tão nobre e applausivel idéa.

O artista Maurício Jobim está encarregado do monumento, cuja concepção admiravel e feliz, a revista internacional *Al Mickidional*, pretende dar o *acquis* em seu 2º numero.

Os brasileiros que se interessam por tudo que contribue á gloria de sua patria, ao seu exjendor artistico sobre o mundo inteiro, não podem demonstrar a indiferença pela memoria do artista Cruz e Souza, que é uma das mais brilhantes personalidades litterarias deste século, um dos autores que mais contribuiram á propaganda da lingua portugueza.

No anno proximo, o publico brasileiro poderá admirar o valor artistico d' esta obra."

Os amigos intimos do poeta não o esqueceram no seu túmulo.

\*

*Mattéoncelle*, *Chique* é um romance extraordinario e bello. O autor René Boylesse que tomouse conhecido do publico francez pelos seus livros *Le Parfum des Mes Barbeutes* e *La Femme*, estende sua manobra a esta nova obra d'um alto valor moral e do mais vivo interesse. Este bello romance expõe todos os conflitos de idéas, de sentimentos e de costumes que nos distribuem sob uma forma attraente e elevada.

\*

No momento em que a França atravessa uma phase de desespero que Jean de Mitty nos dá o seu bello romance, de um interesse historico maior e de uma documentação mais curiosa que *Napoleev* de Stendhal, publicado com interessantes commentarios e notas pela *Revue Blanche*.

\*

Visitemos *Al Mascara*, semanario litterario e illustrado d'esta capital, de que são proprietarios os Srs. Quinto Alves & Muniz e cuja direcção está confiada ao Sr. Sá e Benevides.

Além da parte litteraria que é collaborada por Carlos Goes, Freitas Junior, Raul Braga, G. Santiago, Oliveira

Gomes e outros, traz interessantes desenhos e paginas de caricaturas assignadas por A. Lucas, Raul e Cordeiro.

\*

De S. Paulo recebemos o n. 26 da *Mensageira*, revista litteraria dedicada á mulher brasileira e publicada quinzenalmente sob a direcção da escriptora mineira Presciliana Duarte de Almeida.

Traz o retrato da sua collaboradora Aurea Pires e diversos trabalhos em prosa e verso de Sylvio de Almeida, Maria Clara da Cunha Santos, Oscar d'Alva, Aurea Pires, Presciliana de Almeida, Delminda Silveira, Elmano do Val, Adelina Lopes Vieira, A. Malevolti, Julia Cortines, Edwiges Pereira e de alguns outros escriptores.

A revista paulista está no seu 2.<sup>o</sup> anno de existencia.

\*

O *Espoir du monde*, a obra prima de Edmond Haroucourt, appareceu em Paris publicada pelo editor Lemerre. O poeta em uma visão intensa de movimento e de vida, faz desfilar diante nossos olhos em interessantes quadros e bellas legendas, os dezanove seculos da nossa era. A poderosa idéa d'esta obra admiravel assustará os espiritos os mais modernos.

\*

Nosso illustre collaborador Maurice Barés, acaba de publicar uma nova edição do seu admiravel romance *Un Amateur d'almes*. Esta obra traz diversas illustrações de L. Dunki.

\*

Recebemos o n. 27 da *Revista Moderna*, que se publica em Paris sob a habil direcção do sr. Martinho Botelho. O esplendido magazine vem repleto de diversas paginas litterarias e artisticas.

O summario d'este numero é o seguinte :

O *Duque de Caxias*, por Domício da Gama; *Dobles*, conto americano, Bret-Harte; *o fidalgo de Fouquieres José*, M. Botelho; *a ilha de Creta*, Xavier de Carvalho; *Fabrics*, Thomas Sweet; *Vianna da Motta*, Xavier de Carvalho; *As millionarias americanas*, L. de Norvins; *Os tres maridos de Adelina Patti*, Marcus; *A illustre casa de Ramires*, Eça de Queiroz; *Noticiario illustrado*, Sport, luta romana, S. Marcello; *quatro historias comicas*.

Entre as 90 illustrações que traz este numero destaca-se o retrato do Duque de Caxias e bem assim de seus illustres parentes : general Lima e Silva, conde de Tocantins e visconde de Magé.

O texto é trabalhado com habilidade.

\*

O centenario do nascimento de Garrett, romancista, poeta e dramaturgo portuguez, nascido em 4 de fevereiro de 1799 e morto em 1854, foi festejado em Paris pela colonia portugueza e alguns litteratos francezes, reunidos na sala da Sociedade de Geographia, sob a presidencia de M. Gaultier Mendès, com o concurso litterario de Jules Claretie,

Bartholomeu Ferreira, Louis Palate de Brinn'Gaubast, Faure-Formont, Marc Legrand, René Ghil, P. Redonnel, Albert Lambert e outros.

A *Revue Encyclopedique* trouxe um estudo completo sobre Garrett e suas obras.

\*

*Letras e Artes* é o título de uma revista quinzenal que se publica em Porto Alegre, sob a direcção dos srs. Eugenio Console, Marcello Gama e Romualdo Prati.

O n. 3, que temos sobre a nossa mesa de trabalho, traz uma interessante parte litteraria collaborada por Zefirino Brazil, Rodolpho Brazil, Appolinario Porto Alegre, Raymundo Pereira, Cosimo Giorgiari Conti, Oswaldo Paggi e outros.

Além da parte litteraria, traz em folhas *hors texte* os retratos de Carrera, Rossoli e Espi, da companhia Garrido, que actualmente trabalha naquella capital, um estudo de *Andocotti* e uma pagina musical "Ideal" do artista italiano sr. Mario Celli.

\*

A *Sociedade Fluminense*, revista quinzenal de litteratura, musica e bellas-artes, de que é director o professor Carlos Panlagreco, se apresentou-nos com o seguinte summario: A arte Nova, de E. Panlagreco — A casa de Goldoni, de Werten — Concertos, theatros, varias.

Tambem traz um supplemento musical de Cavalier Barbily sobre uma poesia "Eu te amo" do sr. Luiz Edmundo.

\*

Temos recebido para nossa modesta Bibliotheca diversos jornaes, revistas, etc., dos Estados da Republica, aos quaes agradecemos as palavras honrosas com que nos receberam, transcrevendo muitos d'elles, diversos trabalhos da nossa querida revista.

\*

A A MERIDIONAL, como o *Mercur de France*, pretende publicar mensalmente ou quinzenalmente, em volumes de cem (100) paginas, trabalhos de verso e prosa de Cruz e Souza, Luiz Delfino, Carlos Fernandes, Silva Marques, Rocha Pombo, Felix Pacheco, Elysió de Carvalho, e tudo quanto é novo em arte, litteratura, sociologia, politica, de diversos autores nacionaes e estrangeiros.

Por todo este mez será publicado "Sonetos e Canções," de Carlos D. Fernandes.

Cada volume das edições da revista será vendido a 3\$000 réis.

\*

A *Fauna*, semanario illustrado que se publica em Porto Alegre, sob a redacção do Sr. Theotonio Freitas, publicou em seu ultimo numero um retrato de Cruz e Souza, promettendo, em noticia, consagrar um numero de 20 paginas á memoria do grande poeta.

O redactor da *Faixa*, secundando a nossa iniciativa, abriu uma subscrição em favor do monumento que pretendemos erigir sobre o túmulo do famoso artista das *Evocações*. Agradecemos o apoio digno prestado a nossa idea, confessando-nos <sup>pejorados</sup> pelas referencias que se dignaram dispensar á *A Meridional*.

\* \*

### BOLETIM BIBLIOTHECA PUBLICO

ROMANCES, NOVELLHAS e CONTOES. Cruz e Souza: *Evocações*, Alchim, Rio. Paul Adam: *La Force*, Ollendorf, Paris. Henri de Regnier, *Le Tresté Blanc*, Mercure de France, Paris. Arthur Azevedo: *Contos Epitaphicos*, Garnier, Rio. Valentin Magalhães: *Alma*, Lacourant, Rio. Emilliano Permetta, *O Inimigo*, Civitatis Economica, Curitiba. Julio Permetta, *Amor Bucolico*, A. Guimarães, Curitiba. René Boylesse: *Mlle Cloque*, Edição da Revue Blanche, Paris. Janté Aitsem, *Catherine Mehand*, Edição da Revue Blanche, Paris. Pierre Louys, *Une volupté Nouvelle*, Borel, Paris.

\*

PORSIA. Luiz Edmundo, *Thuyphutis*, Teuzinger, Rio. Emile Verhaeren, *Bonuss*, Mercure de France, Paris. Henri de Regnier, *Tremains Poèmes et Poésies Diverses*, Mercure de France, Paris. Carvalho Araújo, *Trinicius*, Garraux, S. Paulo.

\*

THEATRO. Theophilus Soares Gomes: *Estella e Cloromante*, Cruz Coutinho, Rio. José de Vasconcelos Monteiro; *Altar Infernal*, Cruz Coutinho, Rio. Abel Hermant: *Theatre des Deux Mondes*, Ollendorf, Paris.

\*

CRITICA. Robert de Souza: *La Poésie Populaire et Le Lyrique Sentimental*, Mercure de France, Paris. Nestor Victor, Cruz e Souza, (monographia) Rio.

x

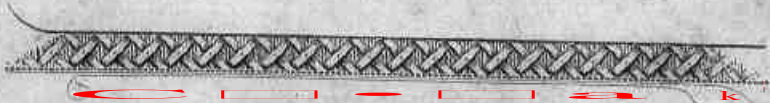
MUSICA. Francisco Braga, *Est la amo*, (musica e letra), Vieira, Machado & Comp. Rio. Raoul Binaclic: *Fleurs de crépuscule*, melodia sobre as poesias de André Lebas, Mercure de France, Paris.

\*

REVISTAS e JORNALIS. *La Revue Blanche*, quinzenal, director Alexandre Natanson, rua Lafayette, 1, Paris. *A Mensageira*, quinzenal, directora Prossiliana d'Almeida, rua de Santa Epiphonia, 57, S. Paulo. *A Occidua*, quinzenal, director Julio Prestes, largo do Palácio, 9, S. Paulo. *O Sapo*, semanario, rua 15 de Novembro, 51, Curitiba. *Revista Moderna*, mensal, director M. Botelho, rua Delaborado, 48, Paris. *Santos Illustrado*, director J. Amalal, rua 15 de Novembro, 65 Santos (S. Paulo). *A Semana Illustrada*, semanario, rua Uruguaniana, 41, Rio. *A Serva Iluminada*, quinzenal, director Carlos Parlagreco, rua do Ouvidor, 95, Rio. *A Mascara*, semanario, director Sá e Benevides, rua do Ouvidor, 47, Rio. *Letras e Anos*, quinzenal, director Eugenio Consolo, rua Jeronymo Coelho, 17, Porto Alegre. *O Noviciado*, semanario, director M. P. Corrã, rua do Carmo, 14, S. Paulo. *O Mensal*, mensal, directores A. Delimo e L. Renault, Barbacena (Minas).

E. de Carvalho.





RIO DE JANEIRO

TYP. ALDINA - RUA DA ASSEMBLÉA, 96

1899

